

País deve receber US\$ 30 bi na próxima semana

Economia - Brasil

Segundo Stanley Fischer, acordo com FMI está progredindo e propostas de ajuste são bem razoáveis

ARIEL PALACIOS
Especial para o Estado

BUENOS AIRES – O vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, declarou ontem, em Buenos Aires, que o Brasil e o FMI podem assinar o acordo de ajuda financeira na semana que vem. Segundo ele, o valor total da ajuda externa ao Brasil deverá ser de US\$ 30 bilhões.

Fischer, que participou da Conferência Anual da Associação Econômica Latino-americana e do Caribe, na Universidade Torcuato Di Tella, disse que vai encontrar-se hoje com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, no Rio de Janeiro.

“Não concluímos ainda o acordo, mas estamos progredindo”, informou Fischer. Ele elogiou o trabalho da equipe econômica brasileira e definiu o acordo com o Fundo como “pouco usual”, já que o programa de ajuste fiscal foi feito por técnicos brasileiros. “Eles informam o FMI de cada ponto que preparam.”

Segundo Fischer, nenhuma cláusula proposta pela equipe econômica foi recusada até agora. Ele comentou que se surpreendeu ao perceber que “existe um elevado grau de precisão e senso de realidade nas posições brasileiras”. “Por isso, acho que podemos chegar a um acordo”, observou.

O vice-diretor-gerente do FMI disse que a origem dos US\$ 30 bilhões ainda não está definida. Mas antecipou que o Fundo contribuirá com US\$ 15 bilhões. O Banco Mundial (BIRD), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (IDB) e alguns bancos privados já se ofereceram para contribuir com o pacote de ajuda. O BID ofereceu US\$ 5 bilhões.

“O número, de US\$ 30 bilhões de empréstimo, não é definitivo”, disse Fischer, lembrando que esse valor foi apresentado pelo Brasil. “A razão pela qual isso ainda não foi resolvido é que estamos esperando para ver exatamente como será o programa de ajuste fiscal”, comentou.

Segundo ele, já está acertado que a meta de superávit fiscal primário do País é de 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB).

O vice-diretor-gerente do FMI disse que as negociações com o governo brasileiro são diárias, por telefone, fax ou por meio dos seus representantes nos Estados Unidos, “o que significa que, dia a dia, elas vão avançando”.

Fischer explicou que a sua passagem pelo Brasil, na volta para Washington, não indica que haja alguma preocupação com o andamento do acordo nem a sua definição.

Ele negou-se a falar sobre o prazo do empréstimo e as taxas de juros. Um dos assessores de Fischer afirmou que o tempo e as taxas são uma “combinação de diversos elementos” e só serão divulgados quando o programa estiver pronto e aceito.

De acordo com Fischer, apesar das virulentas críticas e previsões de morte, o Fundo Monetário Internacional não está a ponto de assinar seu próprio atestado de óbito.

“Quando o tempo acalmar, poderemos ver que o que o FMI fez na Ásia foi a melhor forma de agir”, disse. “Continuaremos adiante com a nossa atividade e, além disso, cada vez nos outorgam papéis mais importantes a desempenhar.”

“Em um prazo de seis a nove anos, as economias dos países com os quais estivemos trabalhando resolverão seus problemas estruturais”, observou. Aos que não seguirem as indicações do FMI, Fischer fez um alerta: “Eles não crescerão e continuarão com seus problemas estruturais”.

Fischer também referiu-se ao apoio que, em diversas partes do mundo, obtiveram as propostas

de controle do fluxo de capitais especulativos. Segundo ele, essa discussão vai terminar e nos países capitalistas avançados haverá livre fluxo de capitais.

“Os países que hoje possuem controles deverão acabar com eles”, disse. “Mas somente no momento em que a balança de pagamentos for suficientemente forte para isso.”

O vice-diretor do FMI sustentou que “há poucas evidências sobre os benefícios do controle do fluxo de capitais” e não recomenda que países que já o tenham liberado retomem as restrições. “Seria um passo imensamente retrógrado”, comentou.

Benefício mundial – O economista-chefe do Banco Mundial, Guillermo Perry, também presente ao ciclo de conferências, afirmou que a operação de empréstimos para o Brasil “é vital para todo o mundo”.

“É vital para toda a América Latina, Wall Street e para os Estados Unidos; estamos todos no mesmo barco”, disse.

De acordo com Guillermo Perry, as autoridades brasileiras não subestimam o tama-

nho da dívida de curto prazo do País. Para ele, nenhum país possui reservas suficientes para as necessidades da dívida pública interna. “Os países teriam de ter reservas imensas e nenhum possui um colchão de reservas para casos extremos”, afirmou.

O economista-chefe do Bird disse que a aposta que seu órgão e o FMI estão fazendo no Brasil é “forte” e que “tudo sairá bem”.

Perry diferenciou a crise asiática da brasileira,

afirmando que os países da Ásia tinham dívidas de curto prazo várias vezes superiores ao nível de suas reservas e do PIB.

Além disso, Perry disse que, ao contrário da Ásia, que “há muito tempo não passava por uma crise”, na América Latina existe uma capacidade de resposta que foi testada várias vezes.

Guillermo Perry sustentou que o processo de ajuste do Brasil, com apoio internacional, permitirá recuperar a confiança dos investidores internos e externos.

O economista do Bird afirmou que os países emergentes poderão voltar ao mercado de capitais, mas “a custos mais ele-

vados que os anteriores à crise, embora esses custos sejam pelo menos razoáveis”. Perry considera que o processo de estabilização brasileira dependerá de um ajuste fiscal que possibilite um superávit primário, para que a dívida caia para índices razoáveis.

Além disso, ele afirma que também dependerá da confiabilidade que o programa de ajuste fiscal possa despertar nos investidores internacionais, “suficiente para que as taxas de juros sejam reduzidas a níveis razoáveis”.

EXECUTIVO DO BIRD DISSE QUE ACERTO É BOM PARA O MUNDO